Cronologia do românico de Lousada

JOAQUIM LUÍS COSTA[1]

1 Centro de Estudos do Românico e do Território | Rota do Românico

RESUMO

O presente artigo descreve cronologicamente a evolução histórica dos seis elementos patrimoniais românicos de Lousada, que integram a Rota do Românico.
Na primeira parte, procedemos a breves explanações sobre a arte românica e a importância das cronologias para os estudos históricos, por forma a contextualizar genericamente o tema em estudo.
Na segunda parte, e após enquadramento cronológico com a finalidade de se ter uma perceção geral do património românico em análise, apresentamos as principais datas das igrejas do Salvador de Aveleda e de Santa Maria de Meinedo, da Torre de Vilar e das pontes de Espindo, de Vilela e da Veiga.

PALAVRAS-CHAVE
Arte românica; história cronológica; história de Lousada; Rota do Românico.

ABSTRACT

This article chronologically describes the historical evolution of the six Romanesque heritage elements of Lousada, which are part of the Route of the Romanesque.
In the first part, we proceed with brief explanations about Romanesque art and the importance of chronologies for historical studies, in order to give a general context to the subject under study.
In the second part, and after chronological framing in order to have a general perception of the Romanesque heritage under analysis, we present the main dates of the churches of Salvador de Aveleda and Santa Maria de Meinedo, the Tower of Vilar and the bridges of Espindo, Vilela and Veiga.

KEYWORDS
Romanesque art; chronological history; history of Lousada; Route of the Romanesque.

1. Românico, história e cronologia

1.1. A arte românica em Portugal

O românico surgiu em Portugal, nos finais do século XI, no âmbito da europeização da cultura peninsular. A reforma monástica cluniacense, a liturgia romana e o estabelecimento das ordens religiosas de Cluny (ca. 1086-1096), dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (ca. 1131) e de Cister (ca. 1144) e das ordens militares do Templo (ca. 1128) e do Hospital (ca. 1130) foram os motores principais dessa europeização (Rosas, 2010, p. 13).

O românico manifestou-se em diversas áreas artísticas, desde a escultura, ourivesaria, pintura e decoração de livros, embora tenha sido na arquitetura que evidenciou o seu maior aparato e presença física.

Em termos políticos, a expansão do românico coincide com o tempo histórico do reinado de D. Afonso Henriques (1143-1185). Foi sobretudo nesta época que se iniciaram as obras românicas das sés do Porto (ca. 1113-1136), de Coimbra (ca. 1140) e de Lisboa (1160) (Rosas, 2008, p. 39).

A arquitetura românica concentrou-se, essencialmente, no Noroeste e no Centro de Portugal, adensando-se especialmente nas margens dos grandes rios e coincidindo com o período em que se estrutura o *habitat* com as freguesias e toda uma organização religiosa paroquial (Rosas, 2010, p. 22). Ou seja, a difusão desta arte não correspondeu propriamente ao período da Reconquista Cristã (718-1492), embora tenha contribuído, mas sim à organização do território. Os principais encomendadores foram os bispos das dioceses então restauradas – como Braga, Porto, Lamego, Viseu, Coimbra, Lisboa e Évora – e os priores e abades dos mosteiros (Rosas, 2008, p. 40).

A forte ligação à religião, evidenciada nos encomendadores e no tipo de construções, encaminhou a arte românica a desenvolver-se em função de modelos e de arquétipos de conteúdo religioso, sendo nesse âmbito que produziu as suas manifestações mais características (Rosas, 2010, p.16).

Deste modo, o fator religioso, mais do que qualquer outro, contribuiu para a difusão da arquitetura românica, apesar de existirem edificações civis (como memoriais, torres senhoriais e pontes), profanas e militares (castelos e torres) (Rosas, 2010, p. 16).

O românico perdurou em Portugal durante tempos históricos em que o gótico era o estilo dominante. Este encontro artístico levou à edificação de imóveis *híbridos*, designados de românico da resistência ou do gótico rural, promovendo construções tardias, até finais do século XV ou inícios do XVI, como é o caso da Ermida de Nossa Senhora do Vale, no concelho de Paredes (Rosas, 2008, p. 51).

No concelho de Lousada, a Igreja de Santa Maria de Meinedo apresenta um programa arquitetónico inerente ao românico tardio (Rosas, 2008, p. 51), com uma construção entre os séculos XIII e XIV, sucedendo o mesmo com a Igreja do Salvador de Aveleda, reconstruída por volta dos finais do século XIII e inícios do seguinte.

Este texto de enquadramento artístico, para além de procurar caracterizar, sobretudo em termos arquitetónicos, o românico em Portugal, serve igualmente para demonstrar que escrever história sem recurso a datas seria manifestamente difícil.

1.2. História e cronologia

O historiador ou o apaixonado pela história, ao escrever sobre o passado, necessita de datas que ajudem a estruturar e a provar o que está a narrar, pois todos os acontecimentos (do mundo, de um país, de um concelho, de uma pessoa…) resultam de uma série de eventos contínuos e balizados no tempo (ano, mês e dia). Por conseguinte, as datas são fundamentais para validar temporalmente o assunto que se está a analisar. Sem datas não existe memória mensurável, não se conseguindo enquadrar devidamente no tempo o que se pretende descrever.

Poder-se-iam fazer estudos históricos sem recurso a dados cronológicos, mas certamente perder-se-ia enquadramento temporal e tender-se-ia para a indefinição.

Ainda que os dados cronológicos sejam importantes, a sua utilização na elaboração de cronologias tem suscitado algumas objeções.

Há autores que têm evidenciado a negatividade das cronologias, porque estas são criadas artificialmente pelo Homem, que procura, através delas, controlar ou ordenar o passado conforme uma determinada ótica e, simultaneamente, reduzir as complexidades existentes numa dada sociedade, devido a criarem unidades temporais imaginárias separadas do todo (Tomazi, 2002, pp. 29-30).

Ao criarmos uma cronologia sobre os monumentos românicos de Lousada estamos, de facto, a interpretar um tema – a arte românica em Lousada – segundo uma determinada ótica e a separar esse tema do todo social. Contudo, não consideramos que esta forma de criar conhecimento seja negativa para a compreensão geral.

Nota-se, por vezes, que determinado assunto histórico é analisado parcelarmente, faltando a visão de conjunto. Por exemplo, existem monografias que analisam separadamente, por capítulos, a história de imóveis românicos de uma determinada região ou concelho, não fazendo, simultaneamente, a relação histórica geral entre todos esses imóveis. Ao se fazer desta forma, cria-se a perceção, obviamente errada, de que os imóveis têm um tempo histórico próprio que se diferencia dos restantes.

A apresentação de uma cronologia conjunta para todo esse património ajudaria a colmatar a visão parcelada, enquadrando-os no mesmo tempo histórico e potenciando a compreensão do todo. Esta é uma das mais-valias das cronologias.

E como são instrumentos que sistematizam informação, as cronologias constituem-se como um recurso importante para a criação de novos trabalhos históricos e escolares, bem como um suporte teórico para a preparação de atividades de âmbito cultural, residindo aqui uma outra das suas mais-valias.

As cronologias são, assim, instrumentos elementares para a história e para a cultura em geral.

2. Cronologia do românico de Lousada

2.1. Enquadramento cronológico

A cronologia a apresentar reúne datas, desde a Idade Média até aos nossos dias, dos seis elementos patrimoniais românicos de Lousada que integram a Rota do Românico: igrejas do Salvador de Aveleda e de Santa Maria de Meinedo, Torre de Vilar e pontes de Espindo, de Vilela e da Veiga.

Embora a quase totalidade do património românico a descrever tenha origens românicas (a partir dos finais do século XI), parte desse património não foi construído de raiz em tempos do românico, baseando-se em construções preexistentes que, atendendo às dinâmicas políticas, sociais e religiosas, foram transformadas na época românica. Por esta razão, a cronologia começa com descrições a partir da Alta Idade Média, nomeadamente no século VI, porque a atual Igreja de Meinedo encontra alguns fundamentos nessa centúria.

A contínua evolução das sociedades e do culto religioso promoveu, posteriormente, novas transformações ou reformas no património (re)construído na época românica. A Época Moderna é exemplo, sobretudo após o Concílio de Trento. Deste Concílio, realizado entre 1545 e 1563, emanou uma nova doutrina cristã, fomentando obras nos espaços religiosos. Por este motivo, a maior parte dos imóveis religiosos românicos passou por obras de adaptação aos ideais tridentinos, com o recurso à arte barroca, como sucedeu com as igrejas de Santa Maria de Meinedo e do Salvador de Aveleda.

A Época Contemporânea também assistiu a importantes mudanças no património, com a consciencialização da sua conservação e divulgação, promovendo-se importantes obras de restauro e de reabilitação, e procedendo-se à sua proteção e classificação. O século XX foi testemunha de diversas obras de restauro que procuraram preservar a memória dos espaços, por iniciativa do Estado ou das paróquias.

O desejo de divulgar esse legado teve reflexos também na produção literária. A publicação de trabalhos históricos e de âmbito cultural são a prova da tentativa de encontrar as origens do património, ajudando a criar valor e identidade. Os trabalhos publicados num jornal de Lousada, na década de 1940, em que os autores evidenciam os seus diferentes *pontos de vista* sobre a história da Torre de Vilar, testemunham a intenção de encontrar as origens e de divugar o imóvel junto da população local.

Atualmente, neste novo milénio, e especialmente a partir de 2008, o projeto Rota do Românico, fundado nas memórias do românico e ancorado num conjunto de 58 monumentos, procura contribuir para o desenvolvimento sustentado do território dos vales do Sousa, Douro e Tâmega, através da valorização do património cultural e arquitetónico românico, criando um produto turístico e cultural de excelência.

A Rota do Românico tem vindo a afirmar-se como um projeto de referência nacional, sendo (re)conhecido como um paradigma em prol do desenvolvimento regional, em diversos campos de intervenção: da conservação do património à promoção turística, da investigação científica à disseminação de conhecimento, da dinamização cultural à

educação patrimonial (Rota do Românico, 2020). Neste âmbito, os elementos patrimoniais românicos do concelho de Lousada que integram este projeto são casos paradigmáticos do modelo de intervenção da Rota do Românico, destacando-se a Torre de Vilar ou Torre dos Mouros, como é popularmente conhecida.

É dentro deste contexto que devemos entender a presente cronologia.

2.2. A cronologia[1]

Século VI (meados)

– Construção de basílica, sede do bispado de Magneto, hoje Meinedo [A titularidade passará posteriormente para o Porto e a basílica passará a igreja paroquial].

572

– O bispo de Magneto, Viator [572--585], está presente no II Concílio de Braga, presidido por São Martinho de Dume [ca. 520-579].

Séculos XI-XIII (entre)

– Período temporal de existência do mosteiro de Santo Tirso de Meinedo.

1113

– O bispo do Porto, D. Hugo [1113--1136], recebe do conde de Portucale, D. Afonso Henriques [1112-1143], o couto do mosteiro de Santo Tirso de Meinedo.

1131

Dezembro, 11 – D. Afonso Henriques doa ao bispo do Porto, D. Hugo, e à sé do Porto o mosteiro de São Tirso de Meinedo.

1177

– Referência documental à "ecclesia de Auelaneda" [Igreja de Aveleda].

Séculos XIII (segunda metade) ou XIV (inícios)

– Edificação da Torre de Vilar pela família dos Riba Vizela [A posse passará, mais tarde, para a coroa por falta de descendentes].

[1] Na descrição cronológica foram tomadas as seguintes opções:
– As referências cronológicas são apresentadas da mais imprecisa (apenas o século ou o ano) para a mais concreta (ano, mês e/ou dia);
– Para simplificar o conteúdo são usadas as seguintes notas e abreviaturas: (entre) (para descrever evento ocorrido entre as datas apresentadas); [...] (anotações suplementares para compreensão do assunto. As datas que se apresentam pretendem enquadrar temporalmente a vida e morte ou o período de funções exercidas pela personalidade nomeada); ca. (por volta de…); DGEMN (Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais); DRCN (Direção Regional de Cultura do Norte); DREMN (Direção Regional dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Norte); IPPAR (Instituto Português do Património Arquitetónico); RRVS (Rota do Românico do Vale do Sousa) / RR (Rota do Românico).

Figura 1. Igreja de Meinedo (inícios do século XX) (Rota do Românico).

Séculos XIII-XIV (entre)

– Construção da Igreja de Santa Maria de Meinedo.

Séculos XIII (finais) – XIV (inícios)

– Reconstrução da Igreja do Salvador de Aveleda.

1262

– Data de sagração da Igreja de Santa Maria de Meinedo, com base em inscrição epigráfica, executada no século XVI, gravada na fachada do templo: "in era MCCC consacratur ista ecclesia" [Na era de 1300 foi consagrada esta igreja].

1346

Fevereiro, 8 – Confiscadas as rendas da Torre de Vilar a D. Teresa Martins, viúva de D. Afonso Sanches, filho bastardo do rei D. Dinis [1279-1325], para pagamento de dívidas aos testamenteiros de D. Vataça Lascaris.

1367

– D. Fernando [1367-1383] doa Vilar de Torno, Unhão e Meinedo a Aires Gomes da Silva, documentando-se a manutenção da Torre de Vilar na família ao longo do século XV.

1398

Março, 30 – O bispo do Porto, D. João da Azambuja [1391-1398], institui o arcediagado de Meinedo, com residência anexa à Igreja de Santa Maria de Meinedo.

Figura 2. Torre de Vilar em ruínas (inícios do século XXI) (Rota do Românico).

Século XV (inícios)

– A Torre de Vilar entra em ruínas [Possivelmente, permanecerá neste estado até ao século XIX].

1434

Dezembro, 17 – D. Duarte [1433-1438] doa a Torre de Vilar ao sobrinho-neto de Aires Gomes da Silva, que possui o mesmo nome do tio.

Figura 3. Ponte de Vilela (atualidade) (Rota do Românico).

Século XV (primeira metade)

– Época provável de edificação da Ponte da Veiga.

1542

– A Igreja de Santa Maria de Meinedo é da apresentação do bispo do Porto.

Século XVII

– Época provável de edificação da Ponte de Vilela, seguindo princípios românicos, conforme testemunhos documentais: num dos livros de óbitos da Igreja do Salvador de Aveleda, a 19 de janeiro de 1657, o pároco da freguesia descreve um desastre por afogamento debaixo da ponte, comprovando a sua existência.

Séculos XVII-XVIII (entre)

– Época provável de edificação da Ponte de Espindo, seguindo princípios românicos, e possivelmente construída primitivamente em material perecível, neste caso a madeira.

– Obras de conservação e reforço da Ponte da Veiga.

– Obras na Igreja de Santa Maria de Meinedo: revestimento a azulejos (azuis e brancos) da capela-mor, colocação dos retábulos colaterais e retábulo-mor em talha dourada, revestimento do arco triunfal, execução do púlpito, construção da torre sineira e reforma da sacristia.

– Obras na Igreja do Salvador de Aveleda: reconstrução da capela-mor e colocação dos retábulos, sacristia, torre sineira e transformação do interior (obra de talha e pintura).

1706

– A Igreja do São Salvador de Aveleda é abadia apresentada pela Casa de Bragança, rendendo com a sua anexa, São Miguel de Lousada, 400$000.

Figura 4. Igreja de Aveleda (atualidade) (Rota do Românico).

1726

– Francisco Xavier da Serra Craesbeeck [1673-1736], nas *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho*, menciona sucintamente a ponte da Veiga quando escreve "está a ponte da Veiga, com suas guardas ao redor".

1758

Abril, 19 – Na *Memória Paroquial*[2] da freguesia de Meinedo, o pároco redator do documento descreve o interior da Igreja de Santa Maria de Meinedo, destacando a existência de cinco altares. No altar-mor está a imagem do orago, no altar colateral do lado da Epístola está a de Cristo crucificado, enquanto no altar colateral do lado do Evangelho está a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Existem mais dois altares, sendo laterais: um com a imagem de Santo Tirso e um outro com a de Santo António. Mais acrescenta que, a 28 de janeiro de cada ano, há romagem a Santo Tirso nesta igreja.

O mesmo religioso menciona ainda a existência das pontes de cantaria da "Beiga" [Veiga] e de "Villella" [Vilela], ambas sobre o rio Sousa.

Maio, 20 – Na *Memória Paroquial* da freguesia de Vilar do Torno, os párocos que assinam o documento descrevem

[2] Um Aviso de 18 de janeiro de 1758, do Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo (1756-1777) – futuro Marquês de Pombal, a partir de 1769 –, fazia remeter, através dos principais prelados, e para todos os párocos do reino, os interrogatórios sobre as paróquias e povoações, pedindo as suas descrições geográficas, demográficas, históricas, económicas e administrativas, para além da questão sobre eventuais estragos provocados pelo terramoto de 1 de novembro de 1755. As respostas [conhecidas por *Memórias Paroquiais*] deveriam ser remetidas à Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, sendo posteriormente levadas para a Casa de Nossa Senhora das Necessidades, em Lisboa, da Congregação do Oratório, para serem trabalhadas pelo padre Luís Cardoso (?-1769) (DGARQ, 2008).

pormenorizadamente a Torre de Vilar, que estava arruinada.

"25. Tem somente esta freguezia na parte suprior a antequissima torre chamada de Villar, mui forte, que segundo a tradissam vulgar hé do tempo dos Godos. Está situada em cima de hum durissimo rochedo que só de algumas partes dos licerces se vê sobressahir a terra de huma piquena colina sobre que jaz. Terá de alto a dicta torre setenta e cinco athé oitenta palmos, e de diâmetro, tomado pelas faces de fora, tem corenta e dous palmos, correndo do Sueste para Noroeste. E de outra parte correndo do Nordeste para Sudueste, tem de diametro segundo as faces extriores trinta e hum palmos. As suas paredes têm de corpo seis palmos e são tanto por dentro como por fora de pedra viva, durissima de cantaria de fiadas, quazi de igual porpossam e sufessientemente polidas. Mas as junturas das pedras comidas do tempo mostram maior abertura do que nos seus pincipios poderia ter, indicio da sua nimia antiguidade. Nam tem ameias, mas indicio de em outros tempos ter sido com elas ornada. Tem huma unica porta no solo ou logia que tem de largo seis palmos e de alto dez athé à padieira que defende do pezo hum escarsam de arco de meio ponto. Tem na fasse que fica para o Sudoeste duas genellas e outras duas na fasse que fica para o Noroeste. E na face que fica o Nordeste tem três genellas e coatro na que fica para Sueste. Porém todas estas genellas pella face extrior da torre só se devizam abertas em frestas de hum palmo de largo, exceto huma que fica à parte Esquerda da fasse do Sueste e outra que fica no meio da face Sudueste que estas se devizam por fora rotas com a mesma grandeza de huma, que por dentro tem os liveis das dictas genellas e descansos dos bigamentos que pella parte de dentro tem e se devizam. No projecto de algumas pedras indicam ter sido havitaçam de duas ordens de subrados, além de hum intersoto por cima da logia. E pella fasse extrior de Nordeste se divizam lugares de vigamento de alguma caza encostada. Nam se acha nella matrial algum de madeira nem mostra ser acentada em argamassa, achase totalmente preza e com siguransa primordial, sem ter ahinda levissimo indicio de ruina, nem tendencia a ella ahinda dipois do memorial Terramoto de mil setecentos e cincoenta e cinco anos. O estado da sua croa mostra nam se ter extrehido do corpo della pedra alguma."

Maio, 22 – Na *Memória Paroquial* da freguesia de Aveleda, os párocos que assinam o documento descrevem que a Igreja da freguesia é composta por uma nave, tem como orago o "Senhor Salvador do Mundo" e possui três altares – o altar-mor com o Santíssimo Sacramento em sacrário e tribuna dourada para exposição Dele, com imagens do orago, ao centro, ladeado pelas de São Brás e de Santo António; no altar colateral do lado do Evangelho existem imagens do Santíssimo Nome de Jesus, de São Sebastião e de Santo Amador, do qual existe uma relíquia, guardada em custódia de prata, e que é alvo de grande devoção, tendo sido trazida de Roma pelo abade Pedro Domingues Leitão; no altar colateral do lado do Evangelho existe a imagem de Nossa Senhora do Amparo. O abade é apresentado pelo rei, em nome da Casa de Bragança, e tem como anexa a vigararia de São Miguel de Lousada.

Século XVIII (segunda metade)

– Obras na Igreja do Salvador de Aveleda: pintura do arco triunfal e teto da nave e colocação dos retábulos colaterais.

Século XIX

– Colocação do retábulo-mor na Igreja do Salvador de Aveleda.

1851

– A Quinta da Fonte de Baixo, à qual pertence a Torre de Vilar, é doada como dote de casamento a Maria de Jesus de Castro Caldas Pereira quando casa com José Joaquim da Motta.

1853

Fevereiro, 20 – É extinto o arcediagado de Meinedo.

1880

– José Joaquim da Motta morre, deixando dívidas à viúva, que se vê obrigada a vender a Quinta da Fonte de Baixo, incluindo a Torre de Vilar.

1881

– O Visconde D'Alentem compra o terreno adjacente e a Torre de Vilar, cujas paredes estão "denegridas" e manda-a restaurar.

1887

– José Augusto Vieira, na obra *O Minho Pittoresco*, ao descrever a freguesia de Vilar do Torno, destaca a Torre de Vilar, designando-a por Torre dos Mouros, fazendo a seguinte caracterização:

"*Villar do Tomo* pertenceu ao couto da Travanca, do extincto concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, assim como tambem já fez parte do extincto concelho de Unhão, comarca de Penafiel. A antiguidade d'esta parochia documenta-se, porém, com outros factos que não estes; as lendas populares, o nome de *castilhô* (pequeno castello), dado a um dos seus montes, e sobretudo a *Torre dos Mouros*, que se ergue em um outeiro ao lado da povoação da Apparecida, são provas incontestaveis da longa vida historica d'esta freguezia.

A Torre dos Mouros mede 18^{m} de altura por 9^{m},5 de largo, tem cinco andares que recebem luz de setteiras esguias, e termina em um eirado com varandim de pedra, d'onde se descobre um panorama esplendido. É desde 1881 propriedade do sr. visconde de Alemtem, que a mandou restaurar, attendendo, como homem intelligente que é, á conservação da sua feição primitiva.

A torre era pertencente á quinta da *Fonte de Baixo*, e fôra dada em dote nupcial com muitas outras propriedades á ex.^{ma} sr.^{a} D. Maria de Jesus de Castro Caldas Pereira, que foi casar na casa de Ferreirós, de Celorico de Basto.

Isto, porém, é recente e não nos elucida sobre a origem d'essa torre, que o povo chama dos *mouros* por lhe haver talvez perdido a tradição. O seu aspecto é o de uma torre de menagem de algum paço medieval acastellado, e quer-nos bem parecer que ahi foi o solar d'alguma família distincta, antes que um castello para defesa d'estas cercanias. A ser assim é provável que seja contemporânea dos principios da monarchia, como é, por exemplo, a que no volume I d'este livro figura no desenho de pag. 48, tão similhante é o typo da sua architectura.".

Século XX

– Submetida ao trânsito automóvel, a Ponte da Veiga degrada-se e é substituída por um pontão de cimento.

1935

– O historiador penafidelense Abílio Miranda[3] (1894-1962) publica o texto "A Torre «dos Mouros»" na obra *Portugal económico, monumental e artístico*.

1941-1943 (entre)

– No *Jornal de Lousada* são publicados artigos de Abílio Miranda e de A. Soares de Moura sobre a Torre de Vilar, em que ambos os investigadores procuram encontrar as origens e evolução histórica do imóvel.

1945

Março, 20 – Classificação da Igreja de Santa Maria de Meinedo como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 34452/45).

1949

– Obras na Igreja de Santa Maria de Meinedo: arranjo do pavimento da nave, com a colocação de soalho.

1978

Setembro, 12 – Classificação da Igreja do Salvador de Aveleda e da Torre de Vilar como Imóveis de Interesse Público (Decreto n.º 95/78).

1982-1983 (entre)

– Obras de restauro e conservação da Igreja do Salvador de Aveleda: conservação de coberturas, limpeza da pintura dos tetos e arco cruzeiro, restauro da talha, substituição do pavimento, construção dos degraus de cantaria de granito no arco triunfal, separando a nave da capela-mor, aplicação de reboco no interior e abertura de um vão na capela-mor de acesso à sacristia.

1991

– Arranjo da capela do Santo Tirso pela Comissão Fabriqueira da Igreja de Santa Maria de Meinedo.

– O IPPAR apresenta o projeto de recuperação e restauro da Igreja de Santa Maria de Meinedo, da autoria do arquiteto Francisco Cunha.

1992

Junho, 1 – Afetação da Igreja de Santa Maria de Meinedo ao IPPAR (Decreto-Lei 106F/92).

1992-1993 (entre)

– Obras de recuperação e restauro da Igreja de Santa Maria de Meinedo pelo IPPAR: restauro das estruturas do arco triunfal e de dois altares colaterais e escavação arqueológica no interior da nave da Igreja, na sacristia e no exterior.

[3] Abílio Miranda nasceu a 24 de dezembro de 1894, em Penafiel. Embora a sua profissão principal tenha sido a de farmacêutico na farmácia da família, também foi autor de diversos trabalhos históricos e arqueológicos e responsável por organizar a Biblioteca Municipal de Penafiel, em 1926, sendo depois diretor da Biblioteca-Museu desse concelho. Em 1927, funda a revista *Penha-Fidelis*. Exerceu também o cargo de Vereador da Câmara Municipal de Penafiel e dirigiu o Boletim da Comissão Municipal de Cultura. O autor faleceu a 31 maio de 1962 (CMP, 2020).

Figura 5. Ponte da Veiga (meados do século XX) (Rota do Românico).

Figura 6. Ponte de Espindo (atualidade) (Rota do Românico).

1998

– Integração das igrejas de Santa Maria de Meinedo e do Salvador de Aveleda, das pontes de Espindo e de Vilela e da Torre de Vilar na RRVS.

– Obras de beneficiação na Ponte de Vilela, a cargo da Junta de Freguesia.

2004

– A DGEMN elabora a Carta de Risco da Torre de Vilar.

– Obras de conservação da Ponte de Vilela e da envolvente, a cargo da DGEMN, no âmbito da RRVS: conservação e consolidação dos paramentos e pavimentos, tratamento do arruamento de acesso pelas duas margens, conservação e valorização das margens na envolvente próxima, tratamento da área de parqueamento de viaturas e iluminação.

2004-2005 (entre)

– Obras de conservação geral da Igreja do Salvador de Aveleda, no âmbito da RRVS: conservação de coberturas, paramentos exteriores e vãos, reformulação do espaço anexo à capela-mor e da instalação elétrica, restauro dos tetos da nave e da capela-mor e pintura do arco triunfal e do púlpito.

2004-2006 (entre)

– Obras de conservação da Ponte de Espindo e da envolvente, a cargo da DGEMN, no âmbito da RRVS.

2005-2006 (entre)

– Realização de obras na Torre de Vilar, a cargo da DREMN, no âmbito da RRVS.

2006

Setembro, 23 – Abertura ao público da Torre de Vilar após as obras de requalificação.

2007

– Conservação geral da Igreja de Santa Maria de Meinedo e da sua envolvente, no âmbito da RRVS.

Março, 27 – Abertura do processo de

classificação da Ponte de Vilela, por despacho da vice-presidente do IPPAR.

2008

– Reparações diversas na Ponte de Vilela, no âmbito da RRVS.

Abril, 18 – Apresentação pública do projeto Rota do Românico do Vale do Sousa, como produto turístico, cultural e patrimonial, assente em 21 elementos patrimoniais românicos (dos quais cinco do concelho de Lousada) dos seis municípios do Vale do Sousa (Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel).

2009

Abril, 18 – Inauguração do Centro de Informação da RRVS na Torre de Vilar.

Agosto, 24 – Afetação da Igreja de Santa Maria de Meinedo à DRCN (Portaria n.º 829/2009).

Outubro, 23 – Caduca o processo de classificação da Ponte de Vilela.

2010

Março, 12 – Alargamento da RR a todos os municípios da NUTS III – Tâmega, passando de seis para 12 municípios (aos concelhos pertencentes à Associação de Municípios do Vale do Sousa – Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel – juntam-se os concelhos de Amarante, Baião, Celorico de Basto, Cinfães, Marco de Canaveses e Resende) e de 21 para 58 monumentos. Um dos monumentos integrados é a Ponte da Veiga.

2011-2012 (entre)

– Intervenção arqueológica no adro da Igreja do Salvador de Aveleda, no âmbito do projeto *Igreja de Aveleda: Trabalhos gerais de manutenção e minimização de barreiras arquitetónicas*, da responsabilidade da RR. O plano de intervenção, baseado na abertura de 16 sondagens, permitiu verificar como foi utilizada a área em estudo, constatando-se o seu exaustivo aproveitamento como espaço cemiterial, dos princípios da Baixa Idade Média até 1913: os mais antigos vestígios relacionam-se com a presença de sepulcros antropomórficos, abertos diretamente no geológico, enquanto os mais recentes estão conotados com ritos fúnebres onde imperou a utilização de arcazes de madeira. As escavações permitiram também colocar a descoberto tramos de alinhamentos pétreos dos séculos XVI e XVII, correspondentes à definição do limite sul do adro da Igreja.

2011

– Trabalhos de manutenção e conservação gerais nas pontes de Vilela e de Espindo, no âmbito da RR.

2011-2012 (entre)

– Trabalhos de valorização dos acessos à Torre de Vilar, no âmbito da RR: arranjos exteriores e estacionamento.

2013-2014 (entre)

– Conservação geral da Igreja do Salvador de Aveleda, no âmbito da RR: trabalhos ao nível das coberturas, paramentos, vãos e adro.

2014

Setembro, 22 – É fixada a Zona Especial de Proteção (ZEP) da Igreja do Salvador de Aveleda (Portaria n.º 466/2012).

Figura 7. Torre de Vilar (atualidade) (Rota do Românico).

2014-2015 (entre)

– Requalificação da área envolvente à Igreja do Salvador de Aveleda, no âmbito da RR.

2015

– Conservação geral da Igreja de Santa Maria de Meinedo, no âmbito da RR: trabalhos ao nível das coberturas, paramentos e vãos, e criação de condições de acessibilidade.

– Trabalhos gerais de manutenção da Ponte de Espindo, no âmbito da RR.

2018

– Substituição do pavimento de madeira por calçada à portuguesa na Ponte de Espindo, no âmbito da RR.

Referências bibliográficas

Capela, J. V., coord., Matos, H., Borralheiro, R., colab., 2009. *As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: memórias, história e património*. Braga: edição de José Viriato Capela.

Cardoso, C., 2007. O Românico em Lousada: a Torre Medieval de Vilar (Parte 1). *Revista Municipal*, Ano 8, 3.ª Série, 48.

Cardoso, C., 2019. Rota do Românico no concelho de Lousada – A Torre de Vilar: em torno da sua posse. *Revista Municipal*, Ano 20, 4.ª Série, 182.

CMP – Câmara Municipal de Penafiel, 2020. *Personalidades: Abílio Miranda*. [em linha]. Disponível em: <https://www.cm-penafiel.pt/visitar-penafiel/historia/personalidades/abilio-miranda/_> [Consult. 9 de dezembro de 2020].

Craesbeeck, F. X. da S., 1993. *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho.* Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto.

DGARQ – Direcção-Geral de Arquivos, 2008. *Memórias Paroquiais.* [em linha]. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4238720_> [Consult. dezembro de 2020].

Gomes, P., textos, 2002. À descoberta do Vale do Sousa: rotas do património edificado e cultural… Paços de Ferreira: Héstia Editores.

Machado, R. C., coord. geral, Rosas, L., coord. cient., 2008. *Rota do Românico do Vale do Sousa.* Lousada: VALSOUSA.

Machado, R. C., coord. geral, Rosas, L., coord. cient., 2014. *Rota do Românico. Tomos I e II.* Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território.

Miranda, A., 1935. A Torre «dos Mouros». In: *Portugal económico, monumental e artístico*. Lisboa: Of. Fernandes.

Miranda, A., 1943. Terras de Lousada: A "Torre dos Mouros". *Jornal de Louzada.* Ano XXVII, 2409-2411.

Nunes, M., Sousa, L., Gonçalves, C., 2008. *Carta arqueológica do concelho de Lousada.* Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Oliveira, A. M., 2006. Torre de Vilar: uma residência senhorial do Vale do Sousa. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 1, pp.141-163.

Rosas, L., 2008. O românico em Portugal. O românico do Vale do Sousa. In: R. C. Machado, coord. geral, 2018. *Rota do Românico do Vale do Sousa*. Lousada: VALSOUSA. pp.39-52.

Rosas, L., 2010. Arte românica em Portugal: contexto histórico-artístico. In: J. M. Pérez González, L. Rosas e M. L. Botelho, 2010. *Arte românica em Portugal.* Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real. pp.17-44.

Rota do Românico, 2020. *Rota do Românico*. [em linha]. Disponível em <https://www.rotadoromanico.com/pt/_> [Consult. 2020].

Sereno, I., 1994, Noé, P., 1996, Costa, L., 2005, Filipe, A., 2010. Igreja Paroquial de Aveleda. *SIPA: Sistema de Informação para o Património Cultural.* [em linha]. Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4877_> [Consult. novembro de 2020].

Sereno, I., 1994, Noé, P., 1996, Figueiredo, P., 2011. Igreja Paroquial de Meinedo. *SIPA: Sistema de Informação para o Património Cultural.* [em linha]. Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1096_> [Consult. novembro de 2020].

Sereno, I., Amaral, P., 1996, Filipe, A., 2010. Ponte de Vilela. *SIPA: Sistema de Informação para o Património Cultural.* [em linha]. Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4876_> [Consult. novembro de 2020].

Sereno, I., Dórdio, P., 1994, Filipe, A., 2008. Torre de Vilar. *SIPA: Sistema de Informação para o Património Cultural.* [em linha]. Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4878_> [Consult. novembro de 2020].

Silva, J. C. V., 2002. *Paços medievais portugueses*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitetónico.

Silva, M. J. O., 2006. *Scriptores et Notatores*: *a produção documental da Sé do Porto (1113-1247)*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras.

Sousa, L. 2019. Rota do Românico no concelho de Lousada – As igrejas de Aveleda e Meinedo: documentos, arquitetura e arqueologia. *Revista Municipal*, Ano 20, 4.ª Série, 181.

Sousa, L., 2016. Trabalhos arqueológicos no adro da Igreja do Salvador de Aveleda (Lousada): primeiros resultados. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, IX, pp. 53-82.

Tomazi, N. D., 2002. Tempo, história e cronologia. *Revista História & Ensino*, vol. 8, edição especial, pp. 27 -36.

Vieira, J. A., 1887. *O Minho Pittoresco. Volume II.* Lisboa: Livraria de António Maria Pereira.

Vieira, S., 2019. Rota do Românico no concelho de Lousada: arquitetura pontística sobre o rio Sousa. *Revista Municipal*, Ano 20, 4.ª Série, n.º 183.